

NOTA DOS EDITORES

É com satisfação que a Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, apresenta seu número 58.1, neste primeiro quadrimestre de 2026.

Nesta edição, publicamos dois dossiês, oito artigos de temática livre, um artigo na seção Trajetórias e Perspectivas e uma resenha.

O primeiro dossiê tem como título “Políticas da reprodução: perspectivas latino-americanas” e foi proposto e organizado pelas professoras Laura Lowenkron e Camila Fernandes, ambas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Marjorie Murray, da Pontificia Universidad Católica de Chile. Composto da apresentação e de mais seis artigos, o dossiê parte da premissa de que toda reprodução é política e, por sua vez, toda política é reprodutiva. A partir daí, reúne pesquisas etnográficas com o objetivo de promover um diálogo regional entre perspectivas latino-americanas sobre a “reprodução” entendida como um conceito polissêmico, que não se restringe apenas a um fenômeno biológico, mas culturalmente definido.

O segundo dossiê tem como título “Transações e controvérsias com maconha” e foi organizado pelos professores Frederico Policarpo, da Universidade Federal Fluminense, Marcílio Dantas Brandão, da Universidade Federal do Vale do São Francisco e da Universidade Federal de Pernambuco, e Florencia Corbelle, da Universidad de Buenos Aires, Argentina. O dossiê reúne, além da apresentação, cinco artigos que analisam, da perspectiva das Ciências Sociais, as transações e controvérsias em torno da maconha no Brasil e na Argentina, compreendidas como um problema público marcado por disputas morais, jurídicas, científicas e políticas. Para tanto, os trabalhos exploram os processos de regulamentação do uso terapêutico-medicinal, as formas de mobilização de usuários, familiares e ativistas, e os modos pelos quais diferentes atores e burocracias, que têm práticas e saberes específicos, produzem e negociam fronteiras entre o lícito e o ilícito.

A seção de **Artigos** é composta por oito artigos. Inicia com o trabalho “Riscos e vulnerabilidades nas margens do Rio São Francisco: etnografia, escrita e marginalidade”, de João Victor Gomes Varjão, da Universidade do Estado da Bahia. A partir de uma abordagem etnográfica, o artigo analisa como desejo, precariedade e racialidade atravessam os encontros sexuais no território do Rio São Francisco, em Juazeiro da Bahia. Assim, o artigo contribui para uma reflexão sobre sexualidade, territorialidade e vulnerabilidade ao evidenciar como práticas dissidentes se estruturam em contextos marcados por desigualdades raciais e socioeconômicas,

ampliando a compreensão das experiências marginais e seus desafios metodológicos, éticos e teóricos na produção antropológica.

O artigo a seguir, intitulado “Ê, coreira: vida e trabalho de Regina Arcanjo”, de Jefferson Dantas, da Universidade Estadual de Campinas, apresenta e analisa a trajetória de vida e trabalho de Ana Regina Braga Arcanjo, uma coreira do tambor de crioula em São Luís, no estado do Maranhão. A partir dessa análise, destacam-se as estratégias utilizadas para construir e consolidar sua identidade profissional em um contexto cultural desigual e adverso e, assim, provoca-se uma discussão sobre a participação feminina na cultura popular.

Em seguida, o artigo “Um ritual ressignificado: a escola entre provas”, de Danilo Barroso Celedonio, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, e Alcides Fernando Gussi, da Universidade Federal do Ceará, apresenta uma etnografia sobre as avaliações em larga escala em ambientes escolares, partindo do pressuposto de que as provas são eventos ritualizados dentro desses ambientes. Este trabalho mostra-se importante para aprofundar as discussões sobre Estado e Políticas Públicas sob o olhar do público assistido e/ou dos profissionais que as executam.

O artigo seguinte intitula-se “HIV/AIDS e PrEP: o caso de homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal” e é de autoria de Guilherme Rodrigues Passamani, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Resultado de uma pesquisa mais ampla em diversos países europeus sobre o trabalho sexual de homens brasileiros, o artigo problematiza as particularidades desse nicho das economias sexuais no âmbito de uma economia moral e problematiza mais especificamente como o vírus da imunodeficiência humana causador da síndrome da imunodeficiência adquirida opera nesse mercado.

Em sequência, o artigo “Entre ruínas e histórias, histórias de ruínas: Atafona como paisagem do Antropoceno no Litoral Brasileiro”, de Juliana Blasi Cunha e Carlos Abraão Moura Valpassos, ambos da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, e de Jason Bartholomew Scott, da Colorado State University, a partir de trabalho de campo etnográfico, apresenta a constituição de Atafona como balneário das elites do Norte Fluminense e reflete sobre a formação das ruínas da praia e o impacto social do processo erosivo em uma paisagem que proporciona a materialização do Antropoceno.

O sexto artigo dessa seção, de autoria de Thiago Barcelos Soliva, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, tem como título “Patrimonialização da memória LGBTQIAPN+: sujeitos, redes e lutas interpretativas”. Nele, o autor analisa o processo de politização do debate sobre a memória LGBTQIAPN+ no contexto brasileiro atual. Partindo da compreensão do patrimônio como ação política, busca examinar a constituição de

uma agenda de interesses em torno das noções de “memória”, “historiografia” e “museologia” LGBTQIAPN+.

A seguir o artigo “Como pegar caranguejo-uçá: ecologia de práticas em paisagens de manguezais”, de Pedro Castelo Branco Silveira, da Fundação Joaquim Nabuco, e Lucas Coelho Pereira, da Universidade Federal da Paraíba, discute a relação entre técnica e ecologia de práticas, a partir da atividade de pesca artesanal do caranguejo-uçá, nos manguezais no Nordeste brasileiro. A partir de pesquisa etnográfica, os autores discutem as lógicas de regramento da atividade, que se centram na relação entre a taxa de extração e a de reprodução, em uma perspectiva populacional que não leva em conta outras relações que constituem as paisagens e importam para a abundância de caranguejos.

Por fim, o artigo “Entre presenças e ausências: repensando as relações entre hipertensão, raça e cuidado”, de William Rosa, da Universidade Estadual de Campinas, discute como a raça se apresenta e produz efeitos nas práticas elaboradas para o cuidado da hipertensão e como diferenças e desigualdades afetam o seu cuidado, tornando evidente que a raça, ainda que muitas vezes silenciada nas práticas de saúde, produz efeitos concretos no diagnóstico e no cuidado.

A seção seguinte, **Trajetórias e Perspectivas**, tem como objetivo publicar artigos e ensaios que produzam reflexões sobre o fazer antropológico, a partir das experiências e trajetórias de antropólogos/as brasileiros/as e estrangeiros/as, bem como do histórico de constituição e/ou consolidação de áreas ou campos de pesquisa no Brasil e em outros países. Neste número, publicamos o artigo “Saúde como acontecimento: afetos, corpos e coletividades na filosofia de Espinosa”, de Pedro Paulo Gomes Pereira, da Universidade Federal de São Paulo. O ensaio explora um encontro especulativo entre a filosofia de Baruch de Espinosa e o campo multifacetado da saúde. Neste ensaio, a saúde se apresenta, mais do que como uma categoria biomédica ou um conceito meramente técnico, como um processo dinâmico de atravessamentos entre forças humanas e não humanas, entrelaçando subjetividades, materialidades e ecologias afetivas. Essa abordagem desafia o monopólio epistêmico da biomedicina e sua tendência a universalizar definições de doença e normalidade, propondo uma ecologia do cuidado na qual diferentes saberes e experiências se entrelaçam em um horizonte de composição e experimentação.

Por fim, publicamos a **resenha** “O Ilê Aiyê e o mundo africano na Bahia”, de Heitor Frúgoli Junior, da Universidade de São Paulo, sobre o livro *Ilê Aiyê: a fábrica do mundo afro (Carnaval da Bahia, 1974-2024)*, de Michel Agier, publicado pela Editora 34, em 2024. Trata-se do último livro em português do antropólogo Michel Agier, como uma versão condensada, revista e atualizada de *Anthropologie du carnaval: la ville, la fête et l’Afrique à Bahia*, publicado

em 2000. O livro combina abordagens etnográficas sobre práticas de integrantes do Ilê Aiyê com reconstituições históricas voltadas à compreensão de suas mudanças estruturais ao longo de cinquenta anos de existência.

Em relação às capas deste número, elas ilustram os dois dossiês publicados. Em relação ao Dossiê “Políticas da reprodução: perspectivas latino-americanas”, a imagem intitula-se “Arpillera” e é de autoria de Aída Moreno Reyes. A arpillera foi criada em 2023 no contexto da comemoração do 50º aniversário do golpe de Estado no Chile. Ela retrata o grupo Tejiendo Redes (Tecendo Redes), que representa uma nova geração de arpilleristas da Casa de la Mujer (Centro de Mulheres) em Huamachuco. A Casa de la Mujer em Huamachuco é uma organização autônoma fundada por mulheres moradoras do bairro de Renca, ao norte de Santiago, cuja história está intimamente ligada ao trabalho coletivo, à formação, ao cuidado e à autonomia das mulheres trabalhadoras, mantendo uma presença ativa nessas áreas até hoje. Segundo explicam as organizadoras do dossiê, a escolha desta arpillera como imagem para o dossiê ressoa com os temas centrais desta coletânea, reinsserindo uma genealogia do trabalho coletivo feminino no contexto atual das políticas reprodutivas. A obra retrata a reprodução social como uma prática viva, material e simbólica por meio da qual as mulheres trabalhadoras produzem cuidado, autonomia e um futuro em contextos de precariedade. Nesse sentido, a imagem não funciona apenas como uma ilustração, mas como uma forma de pensamento visual que condensa uma das ideias centrais do dossiê: a de que a reprodução da vida é sempre um terreno político onde dignidades, memórias e horizontes possíveis são disputados.

A segunda capa ilustra o dossiê “Transações e controvérsias com maconha” e tem como título “Flauta canábica” (2021) de Rosenfeldtown. A imagem representa uma figura alada de traços femininos, associada à planta, coroada por folhas de cannabis, que sustenta um instrumento vegetal cujas raízes permanecem visíveis, lembrando-nos da prática do cultivo e de que, como todo ser vivo, emana da terra. Entre o sagrado e o profano, o terapêutico e o estigmatizado — materializados em uma figura protetora e curativa, que acolhe quem dela necessita sem perder a alusão a seus usos psicoativos —, a obra condensa visualmente as múltiplas controvérsias que atravessam a maconha: seus usos medicinais e não medicinais, a tensão entre saberes científicos e populares e as disputas morais e políticas em torno de sua legitimidade. Ao escolher uma obra de um artista canábico latino-americano, os organizadores buscam reconhecer que as transações com maconha excedem o campo da ciência e da saúde e se expressam também, entre outras formas, em práticas estéticas e políticas, que tensionam as fronteiras entre legalidade e moralidade e evidenciam as múltiplas formas pelas quais as pessoas se envolvem com a planta.

Para finalizar, lembramos a nossos/as leitores/as que continuamos a receber submissões

de interesse para a área das Ciências Sociais, em especial no campo da Antropologia, em regime de fluxo contínuo, através do site <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica>, no qual podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações. Mantemos o nosso e-mail (antropoliticauff@gmail.com) para eventual contato. Sugerimos também acompanhar nossas notícias também através do perfil do Facebook, Instagram ([antropoliticauff](https://www.instagram.com/antropoliticauff)) e no Twitter ([@RAntropolitica](https://twitter.com/RAntropolitica)).

Boa leitura!